

APRESENTAÇÃO: TERRITÓRIOS MÓVEIS E MOVEDIÇOS

Paulo César S. Oliveira¹
Shirley de Souza Gomes Carreira²

Cada época histórica deve lidar com o conjunto de catástrofes que lhes atravessa. Em nosso mundo contemporâneo, o senso comum costuma afirmar como definitivos, extremos, inimagináveis certos acontecimentos traumáticos que, no percurso da humanidade, só reforçam, ao contrário, a crença no eterno retorno, conforme pensou Friedrich W. Nietzsche. O filósofo, ao estudar a fundo as teorias científicas de sua época e tendo em mente a recusa das ideias teístas, concluiu pela teoria de um cosmos formado por processos cíclicos, em que as forças são finitas, o que nos leva a, constantemente, buscar no progresso da renovação a possibilidade de transformação. Se as energias são finitas, o tempo, para o pensador, ao contrário, é infinito, o que faz com que a eternidade seja absolutamente temporal e não controlada por um princípio e um fim que ele entende como sendo a própria definição de Deus. No fundo da questão nietzscheana, há uma defesa da vitalidade, de uma força de potência que nos impele a querer viver o instante-já, e que compreende a imanência como sendo o chão histórico e o espaço temporal os modos pelos quais o homem (se) revela (n) o mundo. O mesmo e o diferente são desvelados neste eterno retorno e a história passa a ser vista como uma dinâmica de progresso e vida, pulsões, força. Se a catástrofe nos lança em um labirinto de medos e dúvidas, a certeza de que a vida não se nutre apenas do mal, mas também pela renovação das energias vitais é algo que a filosofia nietzscheana tem de mais precioso a nos oferecer. Neste sentido, o dossiê *Literatura e globalização: territórios, capitalismo*,

¹ Pós-doutor em Estudos de Literatura pela UFF e Doutor em Letras pela UFRJ. Professor-adjunto de Teoria Literária na FFP/UERJ, onde coordena a área de Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da FFP/UERJ (PPLIN). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Poéticas do Contemporâneo e vice-líder do Grupo CNPq “Nação e Narração”, liderado pela professora doutora Lucia Helena (UFF). Autor de *Poéticas da distensão* (Manaus: Muiraquitã, 2010) e *Uma literatura inquieta* (Rio de Janeiro: Caetés, 2016), em parceria com a doutora Lucia Helena (UFF).

² Doutora em Literatura Comparada (UFRJ), com Pós-Doutoramento em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ). Professora Adjunta de da UERJ. Membro dos Grupos de Pesquisa CNPq Poéticas do Contemporâneo: estudos de sociedade, história e literatura e Poéticas Identitárias. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação (*stricto sensu*) em Letras e Linguística da UERJ. Investigadora convidada do Centro de Estudos Linguísticos, Comparados e Multimídia da Universidade Autónoma de Lisboa. RJ, Brasil. shirleysgcarr@gmail.com.

mobilidades, promove encontros renovadores de energias vitais para o pensamento que discute o hoje, o instante, o agora.

Aqui, é justamente a força da reflexão que se busca para que sejam elaboradas novas teorias sobre nossas catástrofes hodiernas: imigração, barbárie, genocídios, guerras, preconceitos, golpes, corrupção, ditaduras, deslocamentos, talvez sejam essas as pulsões negativas que nos atraem a certo ceticismo contemporâneo, mas, ao mesmo tempo, a luta das mulheres, dos negros, das minorias de todo tipo, dos refugiados e daqueles que promovem o bem podem ser contrapontos positivos à descrença nossa de cada dia nos aspectos transformadores da história. O acontecimento que é a publicação desses artigos prova que as energias mais firmemente renováveis são as do pensamento, da reflexão, da teoria, pois elas não podem optar por nenhum outro caminho que não seja o da vida. Viver o instante-já significa pensar, em sua forma mais originária: no risco, nos perigos e obstáculos do aqui e do agora, no ato do salto, no mergulho em direção a vida, que é o que move o exercício da dúvida.

E porque duvidam, o conjunto de autores e de textos aqui reunidos tratam de temas os mais diversos do mundo da vida, com que diariamente deparamos. Ao comentar o gesto filosófico radical que gerou as teses sobre a história de Walter Benjamin, Reyes Mate, em *Meia-noite na história* (São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2011, p. 11) nos diz que “o filósofo é um passante que se assombra diante de situações que, para o resto dos mortais, fazem parte da paisagem”. Escapa-nos, quase sempre, mas não aos filósofos, a associação entre progresso e fascismo, bem como a racionalidade das práticas e dos conchavos que limitam direitos, recuam nos acordos sociais, cortam o benefício dos mais pobres, atuam em favor dos já favorecidos e que, principalmente, nos roubam a esperança no futuro e que se camuflam com um discurso oposto a suas práticas predatórias. Walter Benjamin, entretanto, acreditava firmemente que poderíamos rasgar a noite da história, retirando dela a crosta que envolve as ideologias perversas, revelando, assim, um caminho para as forças de vida. Uma sociedade pautada por uma ética planetária terá que necessariamente proceder à retirada do entulho autoritário que recobre as palavras, os sujeitos e as coisas. Essa tarefa não é gloriosa, nem fácil, pois não sabemos o que podemos encontrar por debaixo dos escombros. Mas é somente assim que se pode vislumbrar a possibilidade de seguir adiante: o devir, como o mar, não tem cabelos em que possamos nos agarrar, já nos advertia um poeta do samba.

Neste espírito de enfrentamento do novo, do desconhecido, do futuro incerto, os paradigmas aqui questionados pelos autores que compõem o dossiê, fazem justiça à atitude

que moveu a vida e o pensamento de um dos grandes teóricos dos séculos XX e XXI, Zygmunt Bauman: fazer do corpo da escrita o organismo por cujas veias circula a história, o mundo da vida, da experiência e da reflexão. Este dossiê é também uma homenagem a ele, e a tantos outros recentemente desaparecidos, como Tzvetan Todorov, Stuart Hall, René Girard, Ferreira Gullar, Umberto Eco, João Gilberto Noll, para ficarmos apenas em alguns nomes. Para representar essa galeria de notáveis estudiosos, a figura de Bauman é exemplar, a do sujeito que praticou a arte de escrever-pensar até o fim da vida. Bauman foi um animal da escrita e suas ideias permeiam o conjunto de reflexões aqui apresentadas, ainda que o polonês não seja citado literalmente. Em uma simplificação necessária, diremos que o paradigma da modernidade líquida é aqui revisitado através dos estudos que tratam dos meios e modos pelos quais a literatura contemporânea dialoga com o mundo globalizado, contemplando temas como os das relações entre literatura e violência, do multiculturalismo em face das estruturas da globalização, bem como do papel do artista, dos intelectuais em seu périplo na época do deus-mercado. Com isso, os movimentos migratórios, o recrudescimento da intolerância religiosa, do preconceito e do pensamento discricionário são aqui avaliados por meio da leitura atenta de textos literários de autores os mais diversos.

O dossiê se abre com a reflexão de Lucia Helena sobre *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski e *O irmão alemão*, de Chico Buarque. As duas obras contemporâneas promovem entre si um diálogo com as tradições realista e naturalista, segundo Helena, especialmente quando rediscutem a intervenção da literatura no mundo através da mescla de biografia, história e relato ficcional. A história, vista como ruína, conforme a leitura de Helena acerca das teses de Walter Benjamin, jamais é puramente descrita ou documentada, na obra dos dois autores. Se Kucinski tende ao drama, Buarque, por sua vez, não rejeita a veia dramática, mas procura no lirismo um investimento de mais contundência. As duas obras avultam como formas alegóricas de se pensar no presente as ruínas da história – no caso de Kucinski, os escombros de nosso passado recente, marcado pelo período ditatorial que se inicia em 1964 e que de forma violenta remete à fuga dos judeus, expressa na figura do pai que peregrina em busca da filha desaparecida durante o governo militar. Já no exemplo de Buarque, vemos também a ficcionalização de uma procura, a de um segredo de família, expresso na figura do irmão alemão, que dá título ao romance e que, curiosamente, por outros caminhos, também dialoga com a ditadura militar no Brasil e com o sombrio momento da Segunda Guerra. O texto escolhido para inaugurar o dossiê nos revela duas obras ficcionais marcadas pela sombra de um passado recente que chega até nós em um momento de perigo,

como diria Benjamin, que Lucia Helena reelabora e nos oferece como ponto de partida para se pensar os efeitos perversos da globalização, que traz em seu bojo uma ameaça à liberdade, vista e entrevista nos rumos de nosso país e nos desgovernos que ao redor do mundo reencenam a fábula indigesta da intolerância, da violência e do fascismo.

Porém, se os aspectos sombrios são as nuvens carregadas deste momento global, é certo que os respiradouros também nos aliviam o fardo. As lutas das chamadas minorias também reconfiguram a escrita hodierna e os deslocamentos e trânsitos não provocam apenas os traumas e seus registros, mas também revelam possibilidades de trocas, de aprendizagem. Neste sentido, a escrita de autoria feminina cumpre um papel exemplar, como mostra Luiz Manoel da Silva Oliveira, no segundo texto deste dossiê. Pela leitura crítica de *Lives of Girls and Women*, de Alice Munro; *The Diviners* de Margaret Laurence e *Lady Oracle*, de Margaret Atwood, Oliveira estuda a Segunda Onda do Feminismo que influenciou as três escritoras em questão, e mais que isso, reorientou a escrita de autoria feminina, que nestas obras se manifestam através do olhar crítico sobre o Canadá pós-colonial e pelas questões identitárias e religiosas, dentre outros aspectos das esferas pública e privada que as autoras tão bem exploraram e Oliveira as percebe como uma força de saber contida nos três textos analisados. Colocando em xeque o patriarcado, as autoras escolhidas promovem uma desconstrução dos pressupostos logofalocêntricos que permeiam a cultura canadense e acabam por realçar a relevância dos deslocamentos diversos, sejam eles do corpo, das emoções ou das ideias para uma crítica contundente, entretanto, positiva das possibilidades de mudança e respiração nestes tempos sombrios.

A intensa circulação de pessoas e o mundo do capitalismo transnacional também estimulam a reflexão de Gláucia Renate Gonçalves sobre os escritores da diáspora e que revelam particular interesse sobre a compreensão em torno das relações interculturais, manifestas em diversas áreas da vida cotidiana. O modo de entrada de Gonçalves nesses “lugares de memória” é o romance *Crescent*, de Diana Abu-Jaber. O ato de cozinhar e a questão da comida evocam uma “performance mnemônica” que revela formas de preservação do passado e de discussão da redistribuição deste mesmo passado na situação diaspórica que emerge no presente. Daí que os deslocamentos são também maneiras de situar no tempo-espaço novas formas de pertencimento, o que a literatura de Abu-Jaber busca problematizar.

Na sequência, Maria Aparecida Fontes apresenta uma reflexão sobre a historiografia e a literatura, em diálogo com o mundo globalizado. Em um primeiro momento, a autora destaca a legitimidade da historiografia em descrever e explicar o discurso estético para, em

seguida, compreender as estratégias que o texto ficcional utiliza para desestabilizar o sistema historiográfico, especialmente por meio de um hibridismo da escrita que é homólogo ao próprio mundo globalizado e híbrido com que lida. O processo de separação das culturas de seu contexto de origem e o modo como elas se recombinaem em novos solos culturais são de especial atenção da autora neste artigo. Está inscrito nesta reflexão que o hibridismo é o resultante de um processo de transculturalidade, é um lugar de interseção entre diversas temporalidades e inúmeras espacialidades.

A narrativa da escritora estadunidense Anna Kazumi Stahl, radicada em Buenos Aires, rende a Ana Cristina dos Santos instigantes reflexões, especialmente por se tratar de uma autora diaspórica que faz o caminho inverso, o da grande metrópole globalizada para a capital de um país dito periférico. O percurso na modernidade líquida se define pelo trânsito incessante, que Marc Augé entende como uma das características da supermodernidade. Também as noções de espaço e deslocamento são aqui bem discutidas por Santos. Sobre Stahl, Santos mostra que o desenraizamento circunda sua obra *Catástrofes naturales*, ao explicitar aspectos problemáticos acerca da “personagem feminina diaspórica japonesa nos Estados Unidos e as diferenças socioculturais entre o sujeito feminino ocidental e o oriental, ressaltando a incompreensão marcada pela não identificação dessas diferenças em um contexto multicultural e multiétnico”. Emerge desse processo um sujeito feminino marcado pelo hibridismo, pelo duplo, pelo não unitário, o que Santos sugere ser uma das marcas da experiência desses seres em trânsito.

O diálogo entre literatura e vida social, que se abre tanto para a representação como para a criação de um imaginário dado pela escrita, motiva Idemburgo Pereira Frazão a discutir o papel das legitimidades marginais. É este mundo social, cuja exemplaridade Frazão vai buscar nos recentes eventos da chamada Primavera Árabe, que o sexto artigo deste dossiê procura discutir. A ameaça recente à liberdade, já apontada por Lucia Helena como um risco a correr em nosso mundo globalizado, motiva certos escritores a pensar na luta dos despossuídos, isto é, daqueles que buscam seu lugar no mundo do mercado e da mercadoria. O processo de construção identitária e uma espécie de peculiar organização literária e cultural são elementos de interesse da crítica de Frazão. As tecnologias, que muito bem podem servir a vários deuses da catástrofe, também promovem encontros e oferecem saídas, brechas, como é o caso de autores como Ferréz, Sacolinha e Sérgio Vaz, da COOPERIFA, que conseguem solidariamente romper as barreiras das grandes editoras e produzir sua literatura. Em suas

obras, podemos destacar os lugares de onde essas vozes partem, o que estes sujeitos-autores-autores pensam e de que modo ficcionalizam sua relação com o mundo da vida.

Escrito em dupla, por Érica Alves Rossi e Sérgio Ricardo Oliveira Martins, o artigo de número sete trata da obra *Azul corvo*, de Adriana Lisboa, e procura, na relação entre espaço e construção da personagem, um viés crítico que promova a compreensão da personagem Evangelina, a qual incorpora a questão dos movimentos migratórios, desta vez, por meio de uma viagem da personagem do Rio de Janeiro aos Estados Unidos, em busca do pai. A dupla de autores se vale das considerações de Osman Lins, quanto às classificações de espaço, e das discussões de Karl Erik Schöllhammer sobre os aspectos mais relevantes da ficção atual. Com foco na Geografia Humanista, os autores lançam luz em conceitos como território, territorialidade e lugar.

The house on Mango Street, de Sandra Cisneros, e o conto “Inferno-céu”, de Jhumpa Lahiri, são dois trabalhos que motivam Shirley de Souza Gomes Carreira a pensar o contemporâneo por meio das narrativas ficcionais escritas por mulheres. Mais especificamente, seu artigo trata das representações do processo de aculturação de imigrantes nos Estados Unidos, apesar das dificuldades postas e das barreiras decorrentes do choque cultural que é o estabelecimento de uma nova vida em novo território. As obras discutidas se situam na segunda metade do século XX e tratam da onda migratória de então, com óbvias aproximações, com suas diferenças, é claro, entre o processo daquele passado recente e nosso presente. Também a relação entre o mundo privado e o mundo público motiva a articulista: a casa e a rua; a dupla língua; a invisibilidade social; e o pertencimento são temas recorrentes na reflexão de Carreira, que aponta, neste percurso, para as diferenças entre a primeira e a segunda gerações de migrantes, em especial, na obra de Lahiri. Se os pais – da primeira geração – eram o exemplo do típico estrangeiro, a geração seguinte já se coloca de forma diferenciada, por conta de sua percepção de nacionalidade sobre a pátria que os acolheu, mas que os diferencia também de seus pais, pois, sendo filhos de migrantes, são naturais da nova pátria e mantêm uma relação conflituosa com as duas culturas em que estão imersos. Lahiri e Cisneros não tratam de famílias marginalizadas e, sob este aspecto, a reflexão de Carreira dialoga porque complementa, as demais contribuições acerca do tema da imigração.

O penúltimo artigo do dossiê busca revisar a ficção canadense atual sob os pontos de vista da identidade nacional e da literatura transnacional no mundo da globalização multifacetada, que Davi Silva Gonçalves nos apresenta por meio do diálogo entre colônia e colonizador, tradição e modernidade, passado e futuro. As interseções entre a colonização no

Brasil e no Canadá motivam Gonçalves a pensar a troca cultural sob a forma do aprendizado de que tanto colonizador e colônia podem se valer, especialmente em suas literaturas, que o autor advoga como espaço de revisão das ontologias e dos processos identitários. As homologias entre Canadá e Brasil em relação aos temas de suas literaturas se dão mais precisamente na desconstrução do mito do nacional, especialmente quanto aos sujeitos híbridos, que se colocam em posição crítica em relação a sua nacionalidade.

O último artigo deste dossiê examina os processos de subjetivação e resistência do Islã, ficcionalizados em *Submissão*, de Michel Houellebecq. Na peculiar trama de Houellebecq, são tematizadas a eleição de um presidente muçulmano e suas consequências para o berço do estado laico e da declaração dos direitos humanos, sob a ameaça de estabelecer um regime teocrático, o que promove discussões sobre o medo pânico do outro, do desconhecido e do diferente. Rafael Camargo de Oliveira e Kátia Menezes de Sousa se valem das discussões críticas de Michel Foucault, mais especificamente da relação saber-poder, para tentar responder, embora advertam que não têm essa pretensão, à seguinte questão: como eleger um presidente muçulmano no Ocidente? A biopolítica, os dispositivos e a distopia são temas caros a esse esforço de reflexão.

Os textos aqui reunidos têm a missão de provocar a reflexão e trazer ao debate questões caras à atualidade, o que por si só já justifica a reunião de tantos elementos cooperativos de saber, que buscaram promover encontros entre o comparatismo, a teoria e os diversos campos das humanidades. Completa este número da revista *E-escrita* a seção Vária, com artigos que, pelo viés da análise literária, intersemiótica ou discursiva, abordam questões relevantes para os estudos literários.

Amanda Arruda Venci e Márcia Regina Becker discutem a noção de fidelidade em relação ao texto fonte a partir do romance *O Senhor das Moscas* (1954), escrito por William Golding, e duas adaptações cinematográficas: a primeira, de 1963, com a direção de Peter Brook, e outra de 1990, dirigida por Harry Hook. Com base no conceito de intertextualidade cunhado por Kristeva e os estudos posteriores de Genette e Robert Stam, demonstram que as adaptações apresentam diferentes graus de aproximação do intertexto, constituindo assim obras diferenciadas.

Na sequência, Alexandre Melo Andrade parte da obra poética de Orides Fontela para examinar o diálogo da mesma com a tradição mítica. Para tanto, propõe a análise dos poemas contidos no volume intitulado *Rosácea*, de 1986, que constituem o conjunto denominado “Mitológicos”.

Os lugares simbólicos da violência são a temática do artigo de Danielle Cristina Mendes Pereira, que analisa a coletânea *Larva* (2015), de Verena Cavalcante, um livro de contos de horror narrado por crianças que são tanto vítimas quanto agentes da violência, trazendo em si traços de crueldade, sexualidade, inveja e brutalidade. O horror nos contos tem por objetivo buscar respostas diferentes para a representação literária da realidade brasileira.

Diego Gomes do Valle, por sua vez, apresenta um texto que constitui um périplo pelas críticas e ensaios borgeanos, passando pelos contos e algumas adaptações para o cinema, de modo a demonstrar que a percepção de Borges da sétima arte contribui para a compreensão de sua obra como um todo.

Peter Rugg, the missing man, de William Austin, recentemente traduzido para o português, é um dos textos pioneiros da tradição norte-americana de literatura fantástica e o objeto de análise de Felipe Vale da Silva, que busca não apenas recuperar as circunstâncias em que o texto foi primeiramente publicado, mas também situá-lo no panorama de literatura norte-americana do século XIX.

Por meio da metáfora do espelho, Guilherme Azambuja Castro analisa o romance *La muerte de Artemio Cruz*, de Carlos Fuentes, que apresenta características do que se convencionou chamar de “novo romance histórico latino-americano”, na medida em que se distancia do romance histórico tradicional por meio de novas técnicas narrativas e de uma crítica histórico-social. O romance é narrado sob três pontos de vista, que podem ser lidos como três visões distintas sobre si mesmo, ou seja, o próprio ato de ver-se três vezes refletido, concretizando a metáfora especular tão cara ao autor.

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho parte da figura do *flâneur* e do homem do subsolo em *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll para empreender uma análise da ficcionalização do sujeito pós-moderno. Para tanto, focaliza a cidade como espaço de movimento das personagens.

A poesia é o foco de Leide Daiane de Almeida Oliveira. Em seu texto, busca analisar o poema "Easter 1916" do escritor irlandês William Butler Yeats; poema escrito semanas depois do Levante da Páscoa, uma revolução armada realizada por professores, poetas e escritores, entre outros, que teve como principal objetivo a concessão de liberdade para a Irlanda, uma vez que esta ainda estava sob o domínio britânico.

Maurício dos Santos Gomes aborda as memórias de Stefan Zweig, na obra intitulada *O mundo que eu vi*, em que, curiosamente, ao invés de recompor apenas a sua própria trajetória, o autor se ocupa de uma série de quadros autobiográficos alheios, por meio dos quais busca

contrapor o mundo pré e pós-guerra, bem como marca uma posição estética e política nos limites de sua perspectiva finissecular.

Ao empreender uma leitura feminista do livro *A fábrica do feminino*, de Paula Glenadel, levando a um questionamento sobre as construções de sujeitos, de corpos e de identidades nas cenas sociais, Maximiliano Torres demonstra que, pelo viés irônico e paródico da palavra poética, a autora não apenas denuncia a objetificação da mulher, mas, principalmente, aponta caminhos de reflexões sobre as variáveis do corpo, para além da submissão, normatividade, binarismo e assimetria.

Abordando narrativa e memória como fenômenos sociais e coletivos, Patrícia Vieira da Silva tece uma breve análise crítica do conto “Funes o memorioso”, visando discutir a importância do ato de recordar para a construção da narrativa, a oposição entre as capacidades rememorativas de narrador e protagonista, o paradoxo necessário existente entre lembrança e esquecimento e o papel atribuído a Funes diante de sua condição prodigiosa. Para tanto, utiliza-se como aparato teórico, principalmente, as concepções de memória trabalhadas por Ecléa Bosi, o pensamento de Maurice Halbwachs e alguns conceitos de Jacques Le Goff sobre memória, além da interlocução com as observações sobre narrativa concebidas por Walter Benjamin, sempre em diálogo com o texto borgiano.

Tarso do Amaral de Souza Cruz e Peônia Viana Guedes buscam explicitar a relação entre o cambiante contexto imperialista do século XX e o movimento que veio a se chamado de Modernismo. Para tanto, traçam as características tradicionalmente atreladas ao Modernismo baseando-se em argumentos de Raymond Williams, Edward Said e Otto Maria Carpeaux, bem como examinam a obra de James Joyce, evidenciando o fato de que ela aglutina os elementos relevantes para o modernismo.

Na sequência, Tayana Andreza de Sousa Barbosa tece considerações sobre o surgimento da crônica enquanto gênero, tomando por base o ensaio “A vida ao rés do chão”, de Antonio Candido; “A Crônica”, de Jorge Sá e “Crônica”, de Massaud Moisés.

Por seu turno, Thaís Fernandes Velloso explora a relação entre ficção e história no romance *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo, enfatizando como os aspectos sociais e históricos podem contribuir para a composição de uma obra sem que a análise literária seja negligenciada. Sua análise demonstra que literatura e cidade revelam-se temas intimamente ligados no processo de criação artística.

Por fim, Virginia Maria Nuss utiliza os referenciais teórico-metodológicos de estudos funcionalistas para demonstrar a não sinalização das relações de coerência e seu reconhecimento por parte dos destinatários do discurso.

Esperamos que o presente número da revista *e-escrita* seja uma contribuição para o debate sempre profícuo da literatura em relação aos seus contextos de produção, circulação e consumo.